

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

CARLOS CÉZAR VIEIRA CAMPOS

**VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE MIGRANTES EM RIO VERDE – GO:
RELATO JORNALÍSTICO DE DESAFIOS, COSTUMES E VÍNCULOS COM A
TERRA NATAL**

RIO VERDE – GO
2024

CARLOS CÉZAR VIEIRA CAMPOS

**VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE MIGRANTES EM RIO VERDE-GO:
RELATO JORNALÍSTICO DE DESAFIOS, COSTUMES E VÍNCULOS COM A
TERRA NATAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel em Jornalismo ao Centro Universitário In-
ternacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gonçalves de
Carvalho

RIO VERDE - GO

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante CARLOS CÉZAR VIEIRA CAMPOS, portador do Registro Uninter 3420804 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de Defesa, na modalidade produto, sob o título "VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE MIGRANTES EM RIO VERDE – GO: RELATO JORNALÍSTICO DE DESAFIOS, COSTUMES E VÍNCULOS COM A TERRA NATAL" e orientação do/a professor/a Dr. Guilherme Carvalho, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Alexsandro Teixeira Ribeiro

Examinador/a 2: Dra. Máira Nunes

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,5

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  Documento assinado digitalmente
GUILHERME GONÇALVES DE CARVALHO
Data: 13/05/2024 13:47:13-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Examinador/a 1:  Documento assinado digitalmente
ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
Data: 13/05/2024 13:51:08-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Examinador/a 2:  Documento assinado digitalmente
MAIRA DE SOUZA NUNES
Data: 13/05/2024 14:19:29-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Estudante: 

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus a vida; à minha querida mãe o apoio de sempre; ao professor Alexsandro Ribeiro, tutor do curso, que me ajudou nessa jornada; e em especial ao meu orientador, professor Guilherme Gonçalves de Carvalho, que me auxiliou nessa caminhada para a conclusão deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os migrantes que deixam sua terra natal em busca de oportunidades, distantes de casa para uma vida melhor.

“Acima de tudo, o papel dos profissionais de comunicação que quiserem lidar com questões humanitárias é o de criticamente apoiar os sistemas de promoção e de defesa dos direitos humanos disponíveis, a fim de auxiliarem no seu aprimoramento” (LIESEN, 2020, p. 65).

RESUMO

Este trabalho apresenta, por meio de um videodocumentário jornalístico, os desafios, hábitos e os vínculos que os migrantes nordestinos, sulistas, paraguaios, venezuelanos e cubanos mantêm com suas regiões de origem. O produto deste relato jornalístico leva em conta a capacidade de mostrar aspectos da vida desses cidadãos por meio da produção audiovisual. A cidade escolhida foi a de Rio Verde, localizada na região sudoeste do estado de Goiás. O município é polo de atração regional devido às ofertas de emprego geradas pelo desenvolvimento do agronegócio. Foram realizadas pesquisas bibliográficas e buscas em sites e plataformas de vídeos com produções sobre o assunto. A produção deste videodocumentário possibilitou conhecer as experiências vivenciadas pelos migrantes entrevistados, suas lutas, conexões com a terra natal e, em algumas situações, o desejo de retorno. Os resultados reforçam a importância do jornalismo ao mostrar, ouvir e compartilhar com o público as narrativas desses cidadãos que buscam uma vida melhor.

Palavras-chave: Migrantes; Vínculos; Notícias; Redes Sociais; Videodocumentário Jornalístico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS MIGRAÇÕES HUMANAS	13
2.1 PRINCIPAIS CAUSAS DE MIGRAÇÕES	14
3 JORNALISMO E DIREITOS HUMANOS NA DEFESA DOS MIGRANTES ...	15
4 VIDEODOCUMENTÁRIOS JORNALÍSTICOS	18
4.1 EXPLICANDO O VIDEODOCUMENTÁRIO	18
4.2 OS TIPOS DE VIDEODOCUMENTÁRIOS	19
4.3 ETAPAS DA CRIAÇÃO DOS VIDEODOCUMENTÁRIOS	21
4.4 JORNALISMO E VIDEODOCUMENTÁRIO	24
5 DESCRIÇÃO DE PRODUTO	27
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	27
5.2 PRODUÇÃO	27
5.3 PÓS-PRODUÇÃO	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios fazem parte da história humana. Entre esses, os deslocamentos podem ser internos, dentro da mesma região geográfica, ou externos, quando ocorrem entre nações diferentes.

Segundo o Guia para Comunicadores do ACNUR (DELFIM, 2019, p. 10), sigla para Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, a palavra “migrante” é normalmente usada para se referir à pessoa que se desloca dentro do seu próprio país; também é empregada para citar os deslocamentos internacionais. Já “imigrante” se utiliza para fazer alusão a quem vem de outro país. O relatório da ACNUR Global Trends, Tendências Globais, de 2022 apontou que existem 108 milhões e 400 mil pessoas deslocadas à força em todo o mundo (ACNUR, 2023).

Nesse sentido, a ACNUR lista vários motivos que levam as pessoas a migrarem, como: condições climáticas mais favoráveis; perseguições étnicas, conflitos religiosos e guerras. Além disso, a busca por melhores condições de vida, também está entre os motivos que fazem pessoas no mundo todo deixarem sua terra natal para tentarem a realização pessoal e profissional em lugares distantes (DELFIM, 2019).

No Brasil, segundo o relatório anual de 2022, do Observatório das Migrações Internacionais, mostrou-se que o perfil dos imigrantes que chegaram ao país sofreu uma alteração em relação aos fluxos anteriores, com o aumento na entrada pela fronteira norte do território. Só em 2021, segundo o Sistema de Registro Nacional Migratório, foram contados 151.144 imigrantes, sendo 44% desse universo formado por mulheres, provenientes dos países do Sul Global: venezuelanas, haitianas, paraguaias, bolivianas e cubanas (CAVALCANTI, *et. al.*, 2022).

Conforme dados do Governo de Goiás o estado tem mais de seis mil migrantes inscritos no CadÚnico (Cadastro Único). A maioria vem da Venezuela, seguido por Haiti, Paraguai e Colômbia (GOIÁS, 2022).

O município de Rio Verde, no interior de Goiás, é considerado um polo de atração de pessoas de outras regiões do Brasil e de países vizinhos. É uma cidade que, atualmente, possui, segundo o censo demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 220 mil habitantes esse destaca no cenário nacional com a produção de soja, milho, aves e suínos.

Trata-se da nona cidade mais rica do agronegócio brasileiro, conforme levantamento realizado em 2020 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (OLHA, 2018). Os dados são baseados na produção agrícola municipal, que considerou duas variáveis: valor da produção das lavouras e o Produto Interno Bruto das cidades (o que considera parte de tudo que é produzido é destinado às exportações). Os empregos são gerados, na sua maioria, pela agroindústria, e pelas centenas de granjas espalhadas na zona rural.

Cumprindo ainda destacar que, segundo Hall (2003), as mudanças na vida dos imigrantes impõem desafios, como saudades de casa; diferenças culturais; profissionais e até mesmo a incorporação de novos hábitos no cotidiano. Nesse sentido, Hall enfatiza isso ao afirmar: “Já que a identidade cultural carrega consigo muitos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice [...]” (HALL, 2003, p. 28).

Diante desse contexto, a presente proposta apresenta a produção de um videodocumentário jornalístico¹ que mostra os vínculos que os migrantes estabelecidos há mais de seis meses na cidade de Rio Verde, Goiás, mantêm com suas regiões de origem, o interesse em saber das notícias dos lugares de onde vieram, as dificuldades enfrentadas no acesso a essas informações, adaptação devido à língua; diferenças culturais e quais os meios de comunicação que eles mais utilizam.

Buscou-se a existência da temática em outras fontes documentais, como a plataforma virtual YouTube, para servir de parâmetro para a produção do videodocumentário jornalístico, além dos programas em emissoras de rádio do município que têm como temáticas os regionalismos ligados aos povos nordestinos e sulistas, presentes no município.

Há reportagens, como a produzida pela TV UFG sobre a saúde de imigrantes e refugiados em Goiás (TV UFG, 2019), e o documentário “Migrantes” (FILOSOFANDO, 2016), que tratam do tema das migrações nos seus mais diversos tipos: desde movimentos internos, dentro da mesma região, até deslocamentos internacionais. As diferenças deste produto jornalístico estão na particularidade da região geográfica escolhida, na abordagem dos vínculos dos migrantes locais com sua terra natal, na investigação do interesse dessas pessoas em saber das notícias jornalísti-

¹ VIEIRA, Carlos César. **Migrantes em Rio Verde GO**. YouTube, 23/04/2024. Disponível em: <https://youtu.be/jxWZabH7aY0>. Acesso em 21 maio 2024.

cas das suas regiões de origem e as ferramentas midiáticas usadas para o acesso a essas informações.

A importância da comunicação, desde a saída até a chegada a novos ambientes, é inegável, principalmente no processo de adaptação. Com isso, muitas vezes é preciso, também, enfrentar a xenofobia de quem considera como ameaça a presença dos migrantes, os quais estão apenas buscando melhores oportunidades na vida.

Conseguir uma colocação no mercado de trabalho é uma necessidade e uma dificuldade para a maioria desses cidadãos, mesmo tendo qualificação profissional no país de origem. Segundo relatos de especialistas do ManpowerGroup (CRUZ, 2019), a falta de oportunidades e a necessidade de recuperar a autoestima estão entre os obstáculos no momento de se conseguir emprego.

Dados da pesquisa “Perfil socioeconômico dos Refugiados no Brasil”, divulgados pelo ACNUR, comprovam estas afirmações. De acordo com o levantamento, dos que vivem atualmente no país, 34% concluíram ensino superior; 19,5% estão em busca de emprego, e metade dos entrevistados apontou o acesso ao mercado de trabalho como o principal obstáculo em conseguir uma vaga (CRUZ, 2019, n.p.).

Atualmente, é possível encontrar, na principal avenida de Rio Verde, por exemplo, vendedores ambulantes vindos de países como Venezuela e Haiti, além de artistas de rua que se apresentam nos semáforos. Nesse sentido, a falta de políticas públicas no país que possibilitem um acolhimento adequado é apontada como um problema enfrentado por esses cidadãos.

O preconceito e o despreparo para lidar com o diferente revelam-se em ofensas e falta de oportunidades no cotidiano, mas também na falta de políticas públicas que levem em consideração a especificidade de cada migrante, ressalta a coordenadora do Programa de Fortalecimento do Espaço Democrático da Conectas, Raissa Belintani. Ela relembra o caso dos cerca de 300 afegãos que ficaram acampados no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, entre 2022 e 2023, porque chegaram ao país em fuga do Talibã e não encontraram acolhimento do governo brasileiro (CONNECTAS, 2023, n.p.).

De acordo com Uhlmann (2020, p. 9), Rio Verde, no sudoeste do Estado de Goiás, tornou-se, a partir da década de 1970, um dos polos de desenvolvimento do agronegócio brasileiro com a expansão da agricultura no Cerrado. Com isso, o fortalecimento da agroindústria na região gerou vagas de trabalho e atraiu pessoas de várias regiões do Brasil e de outros países em busca de emprego.

Adicionalmente, cumpre pontuar que, de acordo com a ACNUR (2010), até setembro de 2019, o Brasil recebeu mais de 224 mil venezuelanos solicitando reconhecimento de refugiado ou visto de residência. Uhlman (2020) destaca ainda a pre-

sença de sulistas que compraram terras em Goiás a partir dos anos de 1970; e, anos mais tarde, a vinda de nordestinos.

Em direção ao município de Rio Verde, a migração aconteceu principalmente após a expansão da fronteira agrícola dos anos de 1970, com a vinda dos sulistas do país. Vinte anos depois, em fins de 1980, inicia chegada dos nordestinos atraídos pelas oportunidades de emprego surgidas com o crescimento do setor agroindustrial na [...] na região (UHLMANN, 2020, p. 9).

Nesse cenário, muitos migrantes se fixaram no município, construindo relações profissionais, familiares, culturais e sociais. Assim, são muitas as situações de pessoas que vieram em um primeiro momento, conseguiram emprego e depois buscaram o restante dos familiares, não retornando mais para suas localidades de origem.

No contexto geral deste trabalho, o videodocumentário jornalístico foi escolhido para retratar essa vivência devido à sua capacidade de mostrar aspectos realistas do cotidiano dessas pessoas. “O público relaciona um documentário a algo ligado ao real, à verdade, e isso decorre da abordagem e da linguagem utilizada” (CORRADINI, 2019, p. 164).

Como objetivo geral para este produto, ficou definido produzir o videodocumentário “Migrantes em Rio Verde – GO: relato jornalístico de desafios, costumes e vínculos com a terra natal” (VIEIRA, 2024, n. p.).

Os objetivos específicos foram os seguintes: identificar os meios de comunicação e redes sociais mais utilizadas pelos migrantes para se manterem informados sobre os acontecimentos de sua terra natal; identificar os tipos de notícias das regiões de origem que mais despertam o interesse desses cidadãos; conhecer as dificuldades de adaptação; identificar as realizações pessoais e profissionais e os costumes dos migrantes. Nas produções audiovisuais jornalísticas, reportagens e videodocumentários sobre as pessoas que deixam sua terra em busca de melhores oportunidades de trabalho, são normalmente relatadas as dificuldades das viagens, de adaptação, os costumes, a conquista de um emprego e a saudade de casa.

Com isso, o presente trabalho busca construir um produto jornalístico que aponte, dentro do objetivo geral e dos objetivos específicos deste trabalho, a investigação de uma questão social, que muitas vezes não é levada em conta por desinteresse ou desconhecimento pelos programas de assistência a essas pessoas.

Logo, esta pesquisa será de relevância para o campo jornalístico ao reforçar a possibilidade do uso do videodocumentário para mostrar realidades, expectativas,

realizações e frustrações. Cumpre dar destaque à questão da apuração de informações sobre o quantitativo de pessoas que chegaram à cidade nos últimos dez anos e que se tornaram residentes no município. Saber a origem desses migrantes vai contribuir para enriquecer com dados este produto jornalístico.

O capítulo dois apresenta o conceito de migrações e as principais causas dos deslocamentos humanos.

No capítulo três, discute-se o jornalismo e os direitos humanos numa sociedade marcada por casos de xenofobia, ameaça à democracia, ao racismo, à violência e às desigualdades sociais.

O capítulo quatro trata do que é o videodocumentário, os tipos de videodocumentários e a relação entre jornalismo e documentário.

O capítulo cinco, por fim, apresenta a proposta de produto e a lacuna preenchida com a produção deste videodocumentário jornalístico.

2 AS MIGRAÇÕES HUMANAS

As migrações caminham junto com a história da própria humanidade ao longo de milhares de anos. Existem registros históricos que essa movimentação de pessoas pelo mundo começou há mais de 60 mil anos, saindo do continente africano em direção a outras partes do planeta, como América e Ásia.

Esses deslocamentos dos povos nômades foram impulsionados por mudanças climáticas, necessidade de descobrir novos locais para garantir a sobrevivência e, também, o espírito aventureiro do homem, que levava consigo também conhecimentos que impulsionaram o desenvolvimento tecnológico e cultural aonde chegavam.

As migrações pré-históricas não foram apenas movimentos físicos, mas também catalisadoras de inovações culturais e tecnológicas. A disseminação de técnicas de caça, coleta e domesticação de animais e plantas ocorreu em paralelo com essas jornadas migratórias, contribuindo para a diversificação e aprimoramento das culturas humanas (MIGLIAVACCA, 2023, p. 142).

Outro período histórico considerado importante nas migrações humanas é o das Grandes Navegações, ocorridas entre os séculos XV e XVI, quando potências europeias da época desbravaram os mares em busca, principalmente, de novas rotas comerciais e de explorar riquezas naturais e minerais em novas terras.

Migliavacca (2023, p. 166) destaca que, além da “disseminação de culturas, línguas, também a exploração e escravização, são parte integrante dessa narrativa complexa da era colonial”.

Já na contemporaneidade, o êxodo rural, ou seja, a migração do homem do campo para a cidade, é um momento marcante na linha do tempo das migrações nos séculos XX e XXI. Fatores como o surgimento e a expansão das indústrias nas áreas urbanas e o avanço tecnológico no campo, que requer cada vez menos mão de obra como fator de expulsão, impulsionaram esse deslocamento rural-urbano.

O crescimento das cidades e o inchaço populacional desencadeou, segundo Migliavacca (2023), mudanças profundas na infraestrutura urbana e muitos desafios na gestão de pessoas e recursos naturais por parte dos governantes para garantir o mínimo de qualidade de vida para esses cidadãos.

2.1 OS PRINCIPAIS TIPOS E CAUSAS DAS MIGRAÇÕES

De acordo com Migliavacca (2023), as migrações podem ser: rural-urbana, interna, internacional, forçada, econômica, busca de refúgio e asilo e migração de retorno para a terra natal.

Um dos principais motivos de migrações na atualidade tem sido a busca por melhores oportunidades de emprego em lugares distantes da terra natal. O sonho da realização profissional é a busca de uma melhor qualidade de vida familiar faz pessoas mudarem de cidades, países e até continentes. Decisões que são impulsionadas pelas transformações decorrentes do processo de globalização econômica.

A globalização econômica tem sido um motor fundamental das migrações contemporâneas. A integração das economias globais, impulsionada pelo comércio internacional e investimentos transfronteiriços, criou oportunidades por trabalhadores em diversos setores (MIGLIAVACCA, 2023, p.188).

Além dos impactos que sofrem devido ao desafio de adaptação cultural, linguística e de conseguir trabalho, Migliavacca (2023) também chama a atenção para o fato de os migrantes enfrentarem problemas relacionados principalmente à xenofobia, condições insalubres no trabalho, moradia e violações em direitos considerados básicos de qualquer cidadão.

O próximo capítulo aprofunda o debate sobre a importância do jornalismo e dos direitos humanos na defesa dos migrantes.

3 JORNALISMO E DIREITOS HUMANOS NA DEFESA DOS MIGRANTES

O artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, diz que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (UNICEF, 1948, n.p.).

Nesse sentido, Liesen, a seguir, reforça que o ser humano deve ter sua dignidade garantida e respeitada:

Os direitos humanos são, de maneira geral, entendidos como um conjunto de direitos aplicados a proteção da dignidade humana, independentemente de fatores geográficos, biológicos, étnicos, culturais, econômicos etc. São direitos que não podem ser cancelados e que são adquiridos pelo simples fato de nascermos humanos (LIESEN, 2020, p. 37).

Neste capítulo, busca-se entender o que são os direitos humanos e como o jornalismo pode contribuir para dar voz e proteger as pessoas que são vitimadas e silenciadas pelas mais variadas formas de opressão por questões econômicas, culturais, racistas, homofóbicas, xenófobas, religiosas e/ou outros tipos de violências que ferem a dignidade humana.

Liesen (2020) destaca o protagonismo do jornalismo como mediador entre os cidadãos, autoridades e instituições na vigilância pelos direitos básicos à própria existência e na quebra de estereótipos construídos ao longo da história e reproduzidos em muitos livros e até pela própria mídia contra determinados povos.

Dar ouvidos: do ponto de vista comunicacional, o desafio maior, mais do que as formas de narrar a esse “outro”, é que esse “outro” fale e seja ouvido por nós. O desafio de narrativas plurais. Essa é uma função fundamental de mediação que tem no jornalismo seu mais importante bastião, seja no enquadramento da matéria, seja na sua capacidade de entrelaçar perspectivas, seja no acolhimento de outras vozes, seja na quebra de estereótipos (LIESEN, 2020, pp. 30, 31).

Sobre isso, Vieira-Souza (2021) afirma que as intersecções entre direitos humanos e comunicação são muitas. Em sua obra, ele aponta a necessidade de garantir que o cidadão tenha condições de, além de receptor, ser também produtor da informação, ressaltando a importância do direito à comunicação e de participar ativamente dos debates públicos nas mais diversas esferas da sociedade.

A concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos dificulta o exercício pleno da cidadania, conforme Vieira-Souza (2021), que argumenta:

Trata-se da compreensão de que todo ser humano, além de ter o direito fundamental de receber informações – por meio de jornais impressos ou televisivos, por exemplo –, seja também assegurado o seu direito de produzir informações, de ser um produtor. Que tenha garantido o direito de produzir sua própria mensagem, de se comunicar, de não ser apenas um receptor (VIEIRA-SOUZA, 2021, pp. 277, 278).

Isso reforça a importância da democratização da informação e dos veículos de comunicação na consolidação dos direitos humanos. Ainda segundo Vieira-Souza (2021, p. 278), “a concentração do poder de criar mensagens nas mãos de poucas pessoas cria também um problema de representação: poucas pessoas detêm o poder de produzir representações sobre muitas pessoas”.

Nesse aspecto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos¹³ reforça, no artigo 19, que todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; a qual inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras (UNICEF, 1948).

Neste tópico, objetiva-se discutir os direitos humanos dos migrantes, imigrantes, crianças, adultos e idosos. São muitos os casos noticiados pela imprensa, como o Jornal Nacional, da Rede Globo; Jornal da BAND, da emissora Bandeirantes; no portal UOL notícias; no portal G1 e no portal da Câmara dos Deputados, mostrando situações em que essas pessoas, em busca da sobrevivência, são submetidas a: humilhação, prostituição, xenofobia, exploração da mão de obra, trabalho escravo, entre outras situações consideradas criminosas pelos órgãos de proteção dos direitos humanos.

Diante disso, a Declaração Universal dos Direitos Humanos determina o seguinte:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle (UNICEF, 1948, n.p.).

Com isso, é possível compreender que apenas acolher os migrantes não significa que os direitos humanos estão sendo respeitados. Há muitos empecilhos que ainda precisam ser removidos, conforme cita Cogo (2015) no tópico “políticas migratórias – o enfrentamento dos processos de controle e regulação”:

Há ainda um conjunto de trâmites a serem enfrentados pelos imigrantes para a revalidação de diplomas e de carteiras de habilitação, transferências de remessas e alterações nos vistos de trabalho, assim como para a busca de moradia e abertura de contas bancárias (COGO, 2015, p. 99).

A ACNUR (2021) realizou no Brasil uma pesquisa com 600 pessoas deslocadas de seus países de origem. O resultado foi publicado em 2021 no *site* em português da instituição. Foram ouvidas 600 pessoas que mencionaram os principais desafios e dificuldades enfrentados no país. Foram apontadas a geração de renda e autossuficiência, a violência e os riscos na comunidade, o acesso à moradia, à água, ao saneamento e à higiene, além do acesso à saúde e à educação.

No tocante ao acesso à educação, identificou-se como desafio a redução no número de crianças em idade escolar matriculadas no ensino formal e a falta de recursos para a aquisição de material escolar e acesso à conectividade, especialmente em tempos de ensino a distância. Relatou-se ainda a falta de informações sobre vagas disponíveis, que muitas vezes são insuficientes, bem como sobre procedimentos para matrícula. Por fim, a insuficiência de cursos de português disponíveis para pessoas refugiadas dificulta não apenas o ingresso nos sistemas de ensino, mas ainda o acompanhamento curricular. Entre as razões para a evasão escolar estão o idioma, a xenofobia, o racismo e o bullying (ACNUR, 2021, n. p).

No próximo capítulo, será apresentada a proposta do produto videodocumentário jornalístico sobre os desafios, costumes e vínculos dos imigrantes em Rio Verde, Goiás.

4 VIDEODOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO

A escolha do videodocumentário jornalístico para este produto se justifica pela sua capacidade de mostrar a realidade da maneira mais fiel possível.

Busca-se reportar a verdade por meio de imagens, sons, entrevistas e dados estatísticos, reforçando a importância desse gênero audiovisual para o jornalismo, como forma de dar voz aos diversos segmentos da sociedade, pautando-se sempre pelo compromisso com a verdade e a ética profissional.

4.1 EXPLICANDO O VIDEODOCUMENTÁRIO

A projeção de imagens e de som é um fenômeno que atrai o interesse da humanidade desde os tempos em que tais recursos foram desenvolvidos. Segundo Corradini (2019), os cientistas relatam o fascínio que o audiovisual exercia nos homens já na pré-história:

Falar da pré-história do cinema e de todos os elementos que o construíram e fizeram ser o que ele é hoje pode nos levar até a era das cavernas! Isso porque os elementos que compõem a estrutura visual e, consequentemente, audiovisual são milenares. Um exemplo é que cientistas garantem que os homens das cavernas criavam seus desenhos e depois procuravam um ambiente mais escuro, ou seja, mais propício para assisti-los (CORRADINI, 2019, p. 19).

Ainda de acordo com Corradini (2019), na evolução do audiovisual ao longo da história, o “documentário acaba carregando características tanto do cinema quanto da televisão, o que o situa em um patamar bem específico, como um gênero único e de grande importância” (CORRADINI, 2019, p.155).

Puccini (2022) afirma que o documentário é resultado de um processo que demanda criatividade e planejamento, até que se chegue ao resultado esperado.

São vários momentos que demandam escolhas, cortes e recortes daquilo que se quer apresentar para o público.

O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre a concepção e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva. (PUCCINI, 2022, p.12 a 13)

Outra discussão importante tem relação com o diálogo do documentário com

o público. Corradini (2019) afirma que tudo é feito para que um filme, além de conversar, desperte o interesse de quem assiste (CORRADINI, 2019, p 161).

Pretende-se, assim, a partir de imagens e sons, a representação mais fiel possível da realidade. Nesse contexto, um desafio que se coloca e que gera debate é a interferência que uma produção exerce naquilo que é real, pois o documentário é um projeto pensado para alcançar o objetivo de transmitir ideias que foram organizadas e roteirizadas. Dessa forma, os personagens, os sons do ambiente e os locais de filmagem são escolhidos conforme o propósito imaginado no momento da criação.

O simples fato de dar início à produção de um documentário já indica que haverá, em alguma medida, alteração da realidade dos fatos. O ponto de vista do cinegrafista ou do fotógrafo e a condução de um depoimento ou de uma entrevista já são por si só interferências nos acontecimentos (CORRADINI, 2019, pp. 162, 163).

Ainda de acordo com Corradini, “independentemente da forma, o público aguarda que a verdade dos fatos seja a tônica do documentário” (CORRADINI, 2019, p. 167).

4.2 OS TIPOS DE VIDEODOCUMENTÁRIOS

Neste tópico, passa-se a retratar os diversos tipos de documentários e suas peculiaridades. Nesse contexto, a escolha depende do interesse do assunto a ser retratado.

Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do cineasta ou diretor, ou, as vezes, o poder de decisão de um patrocinador ou organização diretora [...] (NICHOLS, 2005, p. 135).

Conforme pondera Nichols (2005, p. 135), há seis tipos de documentários: “o poético, o expositivo, o observativo, o participativo, o reflexivo e o performático”.

O documentário poético, segundo Nichols (2005), tem semelhanças com a frente modernista. Entende-se que não há uma preocupação em seguir as regras de organização contínua de montagens.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas de alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar problemas sobre proposições que necessitam solução. Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas. O elemento retórico continua pouco desenvolvido (NICHOLS, 2005, p. 138).

Alguns tipos de documentários são mais fáceis de serem identificados devido à constância com que são veiculados nas emissoras de televisão. Corradini (2019) afirma que um dos tipos de documentários mais assistidos é o expositivo.

O expositivo é um dos tipos de documentários mais comuns e difundidos, além de ser o mais reconhecido pelo público, pois é o mais exibido nos canais de televisão. Sua principal característica é a linguagem argumentativa, que se relaciona com trechos históricos. Sempre com locução em *off*, as imagens complementam o que o texto narra (CORRADINI, 2019, p. 178).

Outro tipo de documentário que também aparece com certa frequência em algumas emissoras de televisão é o observativo. Nele, os personagens são filmados no seu cotidiano sem sofrerem interferência direta do documentarista. O objetivo é retratar da forma mais fiel possível a realidade. É como se o documentarista ou os profissionais envolvidos na produção não estivessem presentes. Busca-se registrar os olhares, os movimentos dos personagens, os sons dos ambientes com a máxima naturalidade. Nichols (2005) diz que as cenas resultantes desse estilo de documentário recordam a obra dos neorrealistas da Itália. Nesse aspecto, cabe ao público uma participação mais ativa para compreender o que se passa.

Como na ficção, as cenas costumam revelar traços de caráter e individualidade. Fazemos inferências e tiramos conclusões baseados no comportamento que observamos ou a respeito do qual ouvimos. O isolamento do cineasta na posição de observador pede que o espectador assuma um papel mais ativo na importância do que se diz e faz (NICHOLS, 2005, p. 148).

Parte-se agora para a análise do documentário participativo, no qual há uma interação entre o documentarista e o personagem ou personagens envolvidos na produção do audiovisual. Nesse tipo de trabalho, o espectador pode se sentir representado por quem conduz as entrevistas durante as gravações. O entrevistador normalmente aparece nas cenas fazendo perguntas e interagindo com os participantes como se já fizesse parte do grupo. É uma espécie de trabalho de campo. Com isso, Nichols (2005, p.153) enfatiza que “os documentaristas vão a campo; também eles vivem entre os outros e falam de sua experiência ou representam o que experimentaram”

Na sequência, como o próprio nome sugere, o documentário reflexivo normalmente aborda questões sociais, emocionais e psicológicas que levam quem lhe assiste a fazer questionamentos sobre as mais diversas situações que lhe são apresentadas e, nesse tipo de documentário, é comum os próprios personagens relatarem suas situações de vida, podendo despertar no espectador os mais diversos tipos de sentimentos.

Os documentários politicamente reflexivos reconhecem a maneira como as coisas são, mas também invocam a maneira como poderiam ser. Nossa consciência exacerbada abre uma brecha entre conhecimento e desejo, entre o que é e o que poderia ser. Os documentários politicamente reflexivos apontam para nós, espectadores e atores sociais, e não para os filmes, como agentes que podem fechar essa brecha entre aquilo que existe e as novas formas que desejamos para isso que existe (NICHOLS, 2005 p. 169).

Por fim, chega-se à análise do documentário performático em que, segundo Corradini (2019), aparece a subjetividade do autor, levantando reflexões sobre o que é o conhecimento. “Pode haver uma combinação do real com o imaginário, de acordo com a complexidade do cineasta e da linguagem utilizada, fazendo com que, muitas vezes, esse seja um documentário autobiográfico” (CORRADINI, 2019, p. 179).

Portanto, um simples objeto, como um copo, pode ter os mais diversos significados conforme a mensagem que se quer passar ou a interpretação do público.

Esta proposta de produção de um documentário envolveu os tipos reflexivo, participativo e observativo, com entrevistas, captação de imagens da cidade, dos locais de trabalho dos personagens e sons ambientes. Os participantes compartilharam experiências vividas, desde a saída de sua terra natal, a chegada, adaptação e os fatos do cotidiano no novo lugar de morada e trabalho e, principalmente, o interesse em saber das notícias de suas regiões de origem, como fazem isso e os vínculos que ainda mantêm com esses lugares.

4.3 ETAPAS DE CRIAÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO

A produção de um documentário é um processo que requer criatividade, planejamento e organização em cada etapa até sua finalização. Assim, os equipamentos a serem utilizados dependerão do que se pretende realizar. Este tópico discorrerá sobre as fases consideradas essenciais no trabalho audiovisual.

Corradini (2019) enumera sete passos para a produção de um videodocumentário: criação da ideia; criação do roteiro; gravação das imagens e dos sons; direção; edição; finalização e compartilhamento.

O ponto de partida para o início do trabalho, segundo Corradini (2019, p. 171), é o argumento, que pode ser baseado na realidade.

O documentário se desenvolve tendo como eixo uma história central, que, no caso específico do que este projeto pretende, será baseado em fatos e acontecimentos.

Corradini explica que: “Inicialmente, a estrutura da história é baseada em uma ‘espinha dorsal’, mas é possível também derivar caminhos da história em trilhas e histórias secundárias que se relacionam com a ideia principal” (CORRADINI, 2019, p. 171).

Nesse caminho sobre a representação da realidade, Puccini (2022) diz que: “discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrência do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso ficcional” (PUCCINI, 2022, pp. 22, 23).

Tendo o argumento ou ideia central, no caso deste trabalho, objetiva-se mostrar os vínculos que os migrantes mantêm com sua terra natal e o interesse nas notícias dos seus lugares de origem. Assim, deve-se seguir para a criação do roteiro. É o momento de pautar quantos e quais personagens participarão do produto, estabelecer como será a captação de sons e imagens, os locais de filmagens, os recursos que serão utilizados, entre pontos necessários que irão compor o audiovisual.

Conforme Corradini (2019), o trabalho de coleta de informações será utilizado para organizar o percurso, que guiará o tema, criando a base da narrativa.

Isso significa que não se está mais no início do trabalho, mas com o processo de produção em andamento. Desta maneira, já estarão decididos o formato e a linguagem (CORRADINI, 2019, p. 171).

De acordo com Puccini (2022), “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim” (PUCCINI, 2022, p.14).

Com isso, a saída a campo é o momento de colocar em prática o idealizado no roteiro. Nessa fase ocorrerão as entrevistas, a captação de cenas e sons e, para esse fim, os equipamentos a serem utilizados podem variar. Atualmente com o avan-

ço tecnológico, não é necessário ter todo um aparato com muitas pessoas, câmeras grandes e pesadas e/ou sistema completo de iluminação. Com um planejamento bem-feito e um aparelho celular, é possível produzir um bom material.

Segundo Corradini (2019), a possibilidade de escolha da estética visual é uma característica nos documentários, que permite uma flexibilidade maior na escolha das ferramentas de trabalho.

Sobre essa etapa Corradini diz que as opções disponíveis para o trabalho “vão desde equipamentos profissionais, utilizados nas produções da televisão e do cinema, até a utilização de smartphones ou câmeras *pocket*, sem tripé ou iluminação especial em produções mais simples” (CORRADINI, 2019, p. 172).

Dirigir um videodocumentário não é uma tarefa simples. Para uma produção de um trabalho profissional, não basta apanhar uma câmera profissional ou celular e sair filmando de qualquer maneira. É necessário atentar para aspectos como a direção em que entrevistado está olhando, enquadramentos, os sons do ambiente, os cortes na edição, entre outras situações. Puccini (2022) alerta sobre os imprevistos durante as filmagens: “saber lidar com situações imprevistas e ter coragem de enfrentar tais ocorrências é condição obrigatória para qualquer um que queria se dedicar à direção de filmes documentários.” (PUCCINI, 2022, p. 122).

A etapa seguinte é a edição. Trata-se de uma etapa que exige escolhas, decupagens, seleções de cenas e trechos de áudios, cortes, decisão sobre a inserção ou não de efeitos, tratamento de cores, entre outros aspectos que garantirão a coerência narrativa do vídeo. É um trabalho minucioso que requer, além de muita atenção, domínio das ferramentas de softwares de edição.

Essa etapa envolve o encaixe, as deixas de cada depoimento ou entrevista, os cortes secos, os efeitos de transição e o trabalho com as entrevistas, eliminando erros, interferências e possíveis problemas que possam ter aparecido durante a gravação, tanto das imagens quanto dos sons (CORRADINI, 2019, p. 173).

O sexto passo, apontado por Corradini (2019), é a finalização, na qual serão feitos os ajustes finais como identificação dos personagens com caracteres, tabelas e sonorização. É o momento em que tudo é verificado para então ser encaminhado para a última etapa, o compartilhamento, conforme o formato e a destinação do vídeo.

Diante do exposto, foram entrevistados migrantes que estão morando e trabalhando em Rio Verde há mais de seis meses. Há testemunhos, por exemplo, de

uma professora paraguaia de ensino médio da rede pública de ensino, que mora e trabalha há mais de dez anos na cidade; de uma enfermeira venezuelana que, em Rio Verde, trabalha como garçoneiro; de uma vendedora cubana, além de migrantes sulistas e nordestinos que construíram a vida no município; e de um professor, também migrante, que realizou uma pesquisa de doutorado sobre migrações nordestinas em Rio Verde.

As imagens e as entrevistas foram captadas nos locais de trabalho desses migrantes e em outros ambientes escolhidos por eles. Foram captadas cenas aéreas do município com uso de drone, mostrando recortes das áreas urbana e rural. Para mostrar o fluxo de pessoas nos pontos mais movimentados da cidade foram feitos registros de imagens com planos geral e médio. Já nas entrevistas, foi usado o plano médio.

O tipo de documentário contém características dos tipos participativo, observativo e reflexivo, com os depoimentos dos entrevistados.

Há uso de BGs de uma música, sem direitos autorais, valorizando também o som ambiente. Outro recurso são telas com caracteres e imagens ao fundo para relatar uma informação e legendas para identificação dos personagens no vídeo.

4.4 JORNALISMO E VIDEODOCUMENTÁRIO

Um debate antigo e que ainda se mantém atual no campo da comunicação é a relação entre o jornalismo e o videodocumentário. Kurts e Vargas (2018) fazem referência a esse tema ao citarem que, para alguns documentaristas, esses dois caminhos não se cruzam e, ao mesmo tempo, tecem uma crítica ao que consideram uma visão simplista e reducionista, diante das possibilidades de produção desses dois gêneros.

De acordo com Kurts e Vargas (2018), há documentaristas que rejeitam relações com o jornalismo porque consideram o documentário algo mais refinado, enquanto jornalismo, para eles possuem uma narrativa simplória. Os autores criticam essa visão, porque ela não dá conta das amplas possibilidades das relações entre jornalismo e os documentários.

Pretende-se, neste tópico, apontar o que há em comum entre esses dois segmentos que informam, investigam, opinam, questionam e fazem o público refletir

sobre os mais diversos assuntos. Por sua vez, Kurts e Vargas (2018) afirmam que tanto as chamadas grandes reportagens no jornalismo quanto os documentários mostram aspectos da realidade e fazem uso de recursos como entrevistas, fotos, áudios, roteiros, pautas, cenários naturais ou artificiais, tendo, dessa forma, muitas semelhanças.

Nesse sentido, Kurts e Vargas (2018) entendem que jornalismo e documentários têm algo em comum: a preocupação com a realidade ao oferecer provas na busca pela verdade. Nesse sentido, jornalistas devem lançar mão de imagens, entrevistas etc. para construir essa realidade desejada.

No artigo “Fronteiras entre documentário e jornalismo”, Dannyel Leite (2014) no *site* “escrevendo o futuro” defende que há uma associação entre documentário e jornalismo, já que ambos buscam dialogar e mostrar a verdade daquilo que for retratado. Nesse anseio de produzir reportagens ou documentários com a seriedade que o espectador espera, jornalistas e documentaristas também têm um compromisso com seus entrevistados, personagens, com a ética e responsabilidade de transmitir uma informação confiável. A consulta ao artigo publicado no *site* contribuiu para uma melhor compreensão sobre o assunto proposto nesse trabalho, tendo, portanto, relevância para enriquecer a presente discussão ao debater as fronteiras entre o jornalismo e o documentário.

Kurts e Vargas (2018) compreendem que jornalismo e documentários lidam constantemente com pessoas que seguem suas vidas fora dos filmes ou noticiários e, desta forma, consideram que o cuidado com seus personagens pode ser o ponto em comum que une esses gêneros.

Vale destacar o papel do avanço tecnológico nessa discussão. O surgimento da internet permitiu novas possibilidades jornalísticas, como os webdocumentários.

O surgimento da internet misturou fronteiras entre os meios. Esse contexto fez aparecerem vídeos e reportagens multimídias em variados veículos de comunicação. Assim sendo, para o jornalismo, a inter-relação do jornalista com o documentarista está embasada no uso da câmera, na preocupação de registrar as cenas que se passam diante de suas vistas, quaisquer que sejam os meios que usem para esse fim (KURTS; VARGAS, 2018).

Há debates sobre o assunto também no YouTube (2023, n.p.) referente às semelhanças e diferenças entre fazer jornalismo e documentário. No canal “Documentar” (ERICHSEN, 2020), por exemplo, duas jornalistas e um documentarista

apresentaram seus pontos de vista sobre a existência de uma linha muito tênue entre o que chamam de “duas indústrias”, sendo que seria uma de informação e outra de entretenimento.”

Por sua vez, a jornalista Nina Weingrill defende que não há divisão entre jornalismo e documentário, pois, segundo ela, o jornalismo informa, mas também documenta experiências e momentos históricos que são registros que poderão ser consultados no futuro (ERICHSEN, 2020). Cabe aqui destacar a importância da consulta ao conteúdo exibido pelo canal como fonte de pesquisa devido à diversidade de videodocumentários exibidos e os debates realizados com especialistas no assunto, contribuindo para enriquecer a discussão proposta neste trabalho.

Souza (2007) afirma que “a relação entre jornalismo e documentário se dá quando a notícia ajuda no encadeamento da narrativa documental, sendo, por isso, utilizada com frequência nos documentários” (SOUZA, 2007, p.164).

O debate proporciona muitas reflexões sobre a importância do videodocumentário jornalístico como um produto audiovisual que contribui para os registros das vivências da humanidade ao longo da história.

No próximo capítulo deste trabalho, será apresentada a proposta de produto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A presente proposta de produto buscou investigar os vínculos que os migrantes mantêm com suas regiões de origem mesmo após meses ou anos longe de casa. Saber se a incorporação de novos hábitos e a mudança de lugar, interferem na perda de identidade cultural. Outro aspecto relevante deste trabalho foi apurar o interesse dos migrantes com as notícias de sua terra natal e os meios pelos quais buscam essa informação.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Houve, portanto, pesquisas bibliográficas sobre o tema das migrações e as relações dos migrantes com os veículos de comunicação e redes sociais. A pesquisa buscou fontes em um conceituado repositório de artigos acadêmicos (GOOGLE, 2023), na revista científica de Língua Portuguesa (REVISTA, 2011). Foi solicitado à agência local do IBGE o levantamento de dados sobre o número de migrantes nordestinos, sulistas, haitianos e venezuelanos que chegaram ao município de Rio Verde nos últimos dez anos. Em contato por telefone, o funcionário Maurício, da Agência local do IBGE, informou que esses dados ainda estão sendo levantados e serão repassados quando estiverem concluídos, mas sem precisar uma data.

O videodocumentário foi produzido com os migrantes que estão morando na cidade de Rio Verde, Goiás, há mais de seis meses e trabalhando nas mais diversas áreas profissionais. O videodocumentário tem um episódio único com duração de 23 minutos. O documentário reuniu características dos tipos reflexivo, participativo e observativo, com os relatos dos personagens participantes.

Foram aproveitados registros de arquivo pessoal dos participantes, como vídeos autorizados por eles.

5.2 PRODUÇÃO

A produção deste videodocumentário aconteceu nos meses de março e abril de 2024. Foram realizadas sete entrevistas, todas presencialmente. A professora

paraguaia Maria Josefina Failla de Seron foi entrevistada no dia 27 de março. A entrevista aconteceu no Colégio Estadual Martins Borges, entre 16h e 17h na sala de aula de número 1, durante horário livre da educadora.

As entrevistas com o prestador de serviços Juscelino de Lima e Carlos Filho Pereira do Nascimento foram realizadas no dia 29 de março, entre 17h e 18h, no Parque Ecológico Espelho D'Água, em Rio Verde. O lugar foi escolhido pela proximidade com o atual local de trabalho dos personagens.

No sábado, 30 de março, foi realizada a entrevista com a venezuelana Angelis Espinoza. A entrevista aconteceu na casa dela, em Rio Verde, e a data foi escolhida por ser um dia de folga do trabalho, o que lhe permitiu ficar à vontade junto da família.

No dia 2 de abril, entre 10h e 11h, foi realizada a entrevista com a jornalista Fabiana Sommer, na sede do Sindicato Rural de Rio Verde. Para essa entrevista, foram utilizados a câmera digital do kit My Studio Uninter e um *smartphone* para captação do áudio, já que o gravador digital parou de funcionar.

O professor Fernando Uhlmann foi entrevistado no dia 2 de abril, entre 13h30 e 15h no ambiente do Instituto Federal Goiano, campus Rio Verde, local de trabalho atual, e escolhido pelo próprio entrevistado para a conversa. Ele fez uma pesquisa sobre migrações nordestinas na defesa da tese de doutorado.

No dia 5 de abril, foi entrevistada a cubana Leydis Marian Peña Fonseca, e a gravação aconteceu no mercado onde trabalha como atendente.

Nas entrevistas, os migrantes relataram os vínculos que ainda mantêm com sua terra natal, a busca por notícias dos lugares de origem, suas trajetórias de vida e as dificuldades de adaptação, como língua, alimentos e clima.

Para a captação de imagens e som, foram utilizados uma câmera digital 4K EIS, um gravador de voz digital do kit My Studio Uninter, um *smartphone*, um tripé, um gimbal e dois microfones de lapela.

Os personagens foram gravados em plano médio, conforme os ambientes das entrevistas. Foram gravadas cenas extras dos personagens para cobrir determinados momentos da entrevista e dar mais dinamicidade ao documentário.

Entre os dias três e quatro de abril foram captadas imagens de pessoas em alguns pontos, como na estação rodoviária, na avenida Presidente Vargas e ruas do centro da cidade. Também foi utilizado um drone com câmera para registros de áreas urbanas e rurais.

As edições de vídeo e áudio foram feitas nos *softwares* Adobe Premiere, MOVAVI, Audition e Audacity.

Foram gravadas cenas do cotidiano dos personagens em ambientes como a casa, no local de trabalho, Parque Ecológico Espelho D'água, em Rio Verde, bem como em momentos de lazer com familiares e amigos. As imagens foram feitas com uma câmara 4K EIS e o som ambiente foi captado com smartphone e gravador de áudio digital, do kit laboratorial Uninter.

Partes das sonoras foram cobertas com imagens para trazer mais dinamismo e impacto às cenas. Os personagens responderam às perguntas feitas presencialmente pelo entrevistador.

Nesse tipo de documentário, a participação do cineasta é evidente ao público, pois ele aparece constantemente nas cenas e seu ponto de vista conduz a narrativa e a linguagem. É comum o uso de entrevistas nas quais, muitas vezes, o cineasta é o entrevistador (CORRADINI, 2019, p. 178).

A produção de um videodocumentário é um desafio que exige muita organização e apuração. O começo, conforme Corradini (2019, p. 215), envolve pesquisa e planejamento para analisar se o projeto é possível e viável de ser realizado.

Os números estatísticos sobre a quantidade de migrantes atualmente no município, de acordo com dados do censo demográfico de 2022, serão apresentados na forma de gráficos e tabelas e para isso contará com recursos e ferramentas também usados, por exemplo, dados estatísticos no jornalismo, contribuindo na compreensão dos fenômenos sociais por meio do levantamento, leitura e interpretação dessas estatísticas.

E o que tem isso a ver com jornalismo de dados? Tudo! Quando é utilizada essa nomenclatura, não se está apenas indicando a importância de um elemento para a produção da notícia ou a primazia da informação agregada em base de dados; está se referindo, antes de mais nada, ao jornalismo (RIBEIRO *et al.*, 2018, p. 20).

O Infogram é um recurso disponível gratuitamente na *internet* que será utilizado para a produção de gráficos dos dados solicitados junto ao IBGE. Os capítulos que virão na sequência farão uma abordagem sobre o videodocumentário jornalístico e os direitos humanos dos migrantes.

Assim, pesquisas nas plataformas de vídeos sobre a presença de sulistas, nordestinos, cubanos, paraguaios e venezuelanos em Rio Verde, Goiás, mostram que esse videodocumentário jornalístico, com depoimentos sobre o cotidiano desses imigrantes, irá preencher uma lacuna regional no mercado audiovisual sobre o as-

sunto. Como exemplos de documentários, que serviram de referência para este projeto, há o documentário “Migrantes”, (MIGRANTES, 2007) no YouTube, do Canal Filosofando Ciências Humanas em Debate, que retrata o cotidiano dos migrantes nordestinos no trabalho nas usinas de cana no Estado de São Paulo. Outro exemplo é o curta-metragem documentário “Somos migrantes” (SOMOS, 2023), exibido no canal “Museu da Imigração”, também no Youtube, um recorte que mostra o testemunho de vida de migrantes de outros países que chegam ao Brasil.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

Entre os dias 5 e 7 de abril, foram realizadas a decupagem das sete entrevistas. Neste trabalho foram utilizados fones de ouvido e computador pessoal com o programa Windows Media Player para reprodução de áudio e vídeo.

As transcrições das sonoras dos entrevistados foram organizadas no aplicativo de texto Microsoft Word. A decupagem foi importante para a escolha dos trechos e organização da sequência das falas dos personagens, bem como das cenas de apoio. No *software* de edição Premiere, foi feita a sincronia da imagem com o áudio das entrevistas, já que as gravações foram feitas separadas, com gravador digital e câmera de vídeo. Na conversa com a personagem venezuelana, foi preciso utilizar o áudio captado pela câmera, já que o gravador parou de funcionar durante a entrevista. Nesse caso específico, devido ao áudio baixo, foi necessário fazer a correção, e os *softwares* utilizados foram o Audition e o Audacity.

O objetivo principal do documentário é mostrar os vínculos dos migrantes com sua terra natal e o interesse em saber das notícias de seus lugares de origens, por isso, para situar o município onde estão morando e trabalhando atualmente, na abertura foram apresentadas imagens de áreas urbana e rural da cidade bem como alguns pontos de maior movimentação de pessoas, como a estação rodoviária, avenida principal e algumas ruas do centro.

A pós-produção ocorreu no período de 8 a 21 de abril. Os programas utilizados para edição do videodocumentário foram o Adobe Premiere, o Movavi, o Audition e o Audacity. Os trechos das entrevistas foram inseridos seguindo uma sequência preestabelecida no roteiro final.

Foram inseridas imagens de apoio para cobrir determinados trechos das falas dos entrevistados para dar mais dinamicidade ao documentário. Alguns personagens cederam imagens de arquivo para uso no vídeo. Também foram utilizadas cenas da principal avenida da cidade, da estação rodoviária e imagens aéreas obtidas com drone do espaço rural e urbano de Rio Verde, dando uma dimensão do espaço onde o videocumentário foi produzido.

A trilha sonora escolhida foi “Woods”, da banda Acoustic Folk. A escolha levou em conta a leveza da música combinando com os créditos finais. A música é disponibilizada sem direitos autorais no canal da Oak Studios, no YouTube, para uso em redes sociais como Instagram, Facebook e YouTube.

O uso da trilha sonora de forma comedida e o aproveitamento do som ambiente são importantes para deixar o videodocumentário mais dinâmico e atrativo para quem está assistindo, contribuindo para guiar as narrativas no processo de comunicação audiovisual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste videodocumentário buscou mostrar relatos de migrantes que deixaram sua terra natal para morar e trabalhar na cidade de Rio Verde, no interior de Goiás. A intenção do trabalho foi mostrar os desafios enfrentados por estes cidadãos na adaptação com as diferenças na língua, alimentação, clima e, principalmente, abordar os vínculos que mantêm e o interesse em saber das notícias de suas regiões de origem.

Foram ouvidos relatos de seis migrantes provenientes das regiões nordeste e sul do Brasil e vindos também de outros países como Paraguai, Venezuela e Cuba. Um professor pesquisador do Instituto Federal Goiano, campus Rio Verde, que também é migrante da região sudeste, contribuiu com a produção desta pesquisa.

A motivação de migrar, apresentada pela maioria dos entrevistados, foi a busca de oportunidades de trabalho. O videodocumentário possibilitou conhecer um pouco da história de cada um desses personagens. Em comum, foram citadas a dificuldade inicial de adaptação, principalmente em relação à língua, à alimentação e ao clima, inclusive duas pessoas relataram ter enfrentado problemas respiratórios devido ao clima na região Centro-Oeste do Brasil.

Outro aspecto observado foi que todos os entrevistados, de alguma forma, procuram manter vínculos com sua terra natal, seja por meio de viagens esporádicas para rever familiares ou por videochamada através das redes sociais, principalmente WhatsApp, Facebook e Instagram.

Durante os relatos, os migrantes contaram que mantêm o interesse em saber das notícias de política, economia e principais acontecimentos dos lugares de onde vieram, obtendo essas informações por meio de grupos nas redes sociais, conversas por telefone com os parentes distantes e programas em canais na internet.

Os migrantes demonstraram o interesse e ficaram bem à vontade em compartilhar suas experiências de vida no trabalho, as amizades conquistadas, o desejo de continuar na cidade, mas também houve um relato da vontade de voltar para casa em razão de saudades da família.

Este trabalho reforçou a importância do videodocumentário jornalístico como uma ferramenta midiática que pode dar espaço e voz aos migrantes, permitindo também que o público possa conhecer um pouco mais da vida desses cidadãos que

buscam oportunidades em lugares longe da terra natal, na expectativa de uma qualidade de vida melhor.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Site da ACNUR**, 2020. Acesso aos serviços de saúde é essencial para conter a COVID-19 e salvar vidas de refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/11/14/profissionais-refugiados-e-o-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 24 out. 2023.

_____. **Site da ACNUR**, 2021. Entenda os principais desafios das pessoas refugiadas no Brasil. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/11/18/entenda-os-principais-desafios-das-pessoas-refugiadas-no-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

_____. **Site da ACNUR**, 2023. Global Trends Report 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. Acesso em: 18 out. 2023.

CAVALVANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. **Relatório anual 2022**. Portal de Imigração do Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em 18 out. 2023.

COGO, Denise. Internet e Redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Novos Olhares**, v. 4, nº 1, pp. 91-104, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102224>. Acesso em 7 jul. 2023.

CONNECTAS. **Site do Conectas Direitos Humanos**, 2023. Recepção de migrantes no Brasil depende da raça e da cor, aponta Datafolha. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/recepcao-de-migrantes-no-brasil-depende-da-raca-e-da-cor-aponta-datafolha/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CORRADINI, André Luiz Delgado (org.). **Princípios do cinema e introdução ao videodocumentário**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

CRUZ, Diogo. Profissionais refugiados e o mercado de trabalho. **ACNUR**, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/11/14/profissionais-refugiados-e-o-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 22 out. 2023.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Migrações, Refúgio e Apatridia**: Guia para Comunicadores. **ACNUR**, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 18 out. 2023.

ERICHSEN, Rapha. **Énóis**: Jornalismo e documentário. YouTube, 29/09/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MUJQraS5iqY>. Acesso em 17 nov. 2023.

FILOSOFANDO Ciências Humanas em Debate. **Migrações**. YouTube, 20/10/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbGGY4J8RFU&t=343s>. Acesso em: 20 out. 2023.

GOIÁS. **Site do Governo de Goiás**, 2022. Governo de Goiás celebra Dia Internacional dos Migrantes com políticas alinhadas às necessidades de população estrangeira. Disponível em: <https://goias.gov.br/social/governo-de-goias-celebra-dia-internacional-dos-migrantes-com-politicas-alinhadas-as-necessidades-de-populacao-estrangeira-2/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GOOGLE Acadêmico (2023). **Imigrantes no Brasil no século XXI**. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=related:y_MTxID4P8UJ:scholar.google.com/&scioq=artigos+acad%C3%A2mic%C3%A3os+imigrantes+no+brasil+s%C3%A9culo+xxi&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1. Acesso em: 24 nov. 2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.

KURTZ, Adriana Schryver; VARGAS, Heidy. **Jornalismo e Documentário: diálogos possíveis** (e-book). Curitiba: Appris, 2018. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B085RPL451>. Acesso em: 26 out. 2023.

LEITE, Dannyel. **Fronteiras entre documentário e jornalismo: a questão da verdade**. Escrevendo o futuro, 2014. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-fronteiras-entre-documentario-e-jornalismo/. Acesso em: 23 out. 2023.

LIESEN, Maurício. **Comunicação e direitos humanos: elementos para um jornalismo responsável**. E-book. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes: 2020.

MIGLIAVACCA, Paulo. **As migrações humanas**. Ebook. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B0CJVQZZHL&_encoding=UTF8&ref=dbs_p_ebk_r00_pbc_rnvc00. Acesso em: 2 abril 2024.

MIGRANTES. Direção de Beto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal. **Produção de Universidades de São Carlos (Sp) e As Universidades Federais de Piauí, Maranhão e Rio de Janeiro**. Música: Canto de Larra - Dança das Espadas, Aluá e Trilobita. 2007. YouTube, 20/10/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbGGY4J8RFU>. Acesso em: 18 nov. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/38122320/Introducao_Ao_Documentario_Bill_Nichols. Acesso em: 15 nov. 2023.

OLHA Goiás. **Site do Olha Goiás**, 2018. Rio Verde é a 9ª cidade mais rica do agronegócio no Brasil. Disponível em: <https://www.olhagoias.com.br/Agro/rio-verde-e-a-9a-cidade-mais-rica-do-agronegocio-n>. Acesso em: 19 out. 2023.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 1ª edição. E-book. Campinas, SP: Papyrus editora, 2022. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B0BMS55TMX>. Acesso em: 24 out. 2023.

REVISTA **Internacional de Língua Portuguesa**. III Série, n. 24, 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023

RIBEIRO, Alexsandro Ribeiro; MARTINS, Rafael Moro; GUILHERME, João; JÚNIOR, José Lázaro. **Jornalismo de Dados: conceitos, rotas e estrutura produtiva**. E-book. Curitiba: InterSaberes, 2018.

SOMOS Migrantes. Produção de Erika Butikofer e Alexandra Gomes de Almeida. **Realização de Museu da Imigração**. Música: Trem Bala. YouTube, 23/10/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-PBY66bjnc>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SOUZA, Gustavo. (2007). Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. **Caligrama** (São Paulo. Online) 3. (1). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2007.64872>. Acesso em 17 de nov. 2023.

TRIBUNA do Planalto. **Site do Tribuna do Planalto**, 2023. Goiás é o 14º estado com maior número de imigrantes no País. Disponível em: <https://tribunadoplanalto.com.br/goias-e-o-14o-estado-com-maior-numero-de-imigrantes-registrados-no-pais>. Acesso em: 14 nov. 2023.

TV UFG. **A saúde de imigrantes e refugiados em Goiás**. YouTube, 26/11/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=taUe7CtOHt8>. Acesso em: 19 out. 2023.

UHLMANN, Soares Fernando. **Mãos que escrevem o território, escrevem a vida: o trabalhador migrante nordestino em Rio Verde, Goiás**. 2020. Tese. (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, Jataí, 2020. Disponível em: <http://bdtd.ufj.edu.br:8080/handle/tede/10938>. Acesso em: 9 jul. 2023.

UNICEF. **Site do Unicef**, 1948. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 23 out. 2023.

VIEIRA, Carlos César. **Migrantes em Rio Verde GO**. YouTube, 23/04/2024. Disponível em: <https://youtu.be/jxWZabH7aY0>. Acesso em 21 maio 2024.

VIEIRA-SOUZA, Priscila. **Imagens da América Latina: mídia, cultura e direitos humanos**. E-book. Curitiba: Intersaberes, 2021.